



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 25 de Maio de 1983

O dom do Espírito Santo

1. "Tendo sido elevado pela direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vedes e ouvis" (Act. 2, 33). Caríssimos, no domingo passado celebrou-se a solenidade de Pentecostes. Como se sabe, tive a alegria de viver este importante acontecimento eclesial com a população de Milão, entre a qual estive para concluir as celebrações do Congresso Eucarístico Nacional. Foi uma experiência muito rica, sobre a qual me reservo voltar noutra ocasião.

Esta manhã desejaria chamar a vossa atenção para o significado fundamental do Pentecostes na vida da Igreja, que reconhece naquele acontecimento o seu nascimento oficial e o início da sua expansão no mundo. Em consequência da efusão do Espírito, os discípulos foram transformados interiormente e começaram a proclamar as maravilhas de Deus. Aquela efusão estendeu-se depois a pessoas de todas as raças e de todas as línguas, atraídas para aquele lugar pelo fragor que tinha acompanhado a vinda do Espírito.

Quando Pedro explicou o sentido do acontecimento, que punha em luz o poder soberano d'Aquele que pouco antes tinha sido crucificado a pedido do povo, os ouvintes "emocionaram-se até ao fundo do coração". O espírito tinha movido profundamente a alma daqueles que tinham gritado diante de Pilatos: "Crucifica-o", e tinha-os disposto para a conversão. Ao convite de Pedro: "Convertei-vos", responderam três mil, recebendo o baptismo (Act. 2, 37-41).

Perante esta maravilhosa messe de conversões, somos levados a reconhecer no Espírito Santo Aquele que opera nos corações humanos a reconciliação com Cristo e com Deus.

É Ele que "emociona os corações", para retomar a expressão usada nos Actos dos Apóstolos, e os faz passar da hostilidade a Cristo a uma adesão de fé e de amor à sua pessoa e à sua mensagem. É Ele que inspira as palavras de Pedro, quando exorta os ouvintes à conversão, e faz com que elas produzam um efeito admirável.

Nestas primeiras conversões inaugura-se um movimento que já não se deterá com o passar dos anos e dos séculos. No Pentecostes o Espírito Santo inicia a grande empresa da regeneração da humanidade. Desde aquele dia Ele continua a atrair os homens para Cristo, suscitando neles o desejo da conversão e da remissão dos pecados, e reconciliando deste modo sempre novos corações humanos com Deus.

2. O Espírito Santo actua, por conseguinte, como luz interior, que leva o pecador a reconhecer o próprio pecado. Enquanto o homem fechar os olhos perante a própria culpa, não pode converter-se: o Espírito Santo introduz na alma o olhar de Deus, para iluminar o olhar da consciência e o pecador ser assim libertado dos preconceitos que, aos seus olhos, camuflam as culpas cometidas. Por isto, os que haviam tomado parte na condenação de Jesus pedindo a morte d "Ele, descobriram repentinamente, sob a acção da sua luz, que o seu comportamento era inadmissível.

Ao mesmo tempo que suscita o arrependimento e a confissão, o Espírito Santo faz compreender que o perdão divino é posto à disposição dos pecadores, graças ao sacrifício de Cristo. Tal perdão é acessível a todos. Aqueles que ouviram as palavras de Pedro perguntam: "Que havemos de fazer, irmãos?". Como pode, o pecador, sair do seu estado? Não lhe seria absolutamente possível se lhe fosse impedido o caminho do perdão! Mas este caminho está largamente aberto; basta percorrê-lo. O Espírito Santo suscita sentimentos de confiança no amor divino que perdoa e na eficácia da redenção operada pelo Salvador.

Há ainda outro aspecto da acção reconciliadora do Espírito que não pode ser passado em silêncio. No Pentecostes Ele inaugura a obra da reconciliação dos homens entre si. Com a sua vinda, de facto, o Espírito suscita uma aglomeração de pessoas de diversas proveniências, "judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu", diz-se no livro dos Actos (*Act. 2, 5*). Ele manifesta assim a sua intenção de reunir todas as nações numa mesma fé, abrindo-lhes o coração à compreensão da mensagem da salvação.

Em particular, quer reunir os povos, fazendo-lhes superar a barreira constituída pela divisão das línguas. O testemunho dos discípulos, que proclamam as maravilhas de Deus, é compreendido pelos ouvintes, cada um na sua língua materna (cf. *Act. 2, 8*). A diversidade de línguas já não é um impedimento para acolher unanimemente a mensagem de Cristo, porque o Espírito encarrega-se de fazer penetrar em cada um o anúncio da boa nova.

A partir do Pentecostes, a reconciliação de todos os povos já não é um sonho confiado a um

futuro distante. Tornou-se uma realidade, destinada a crescer incessantemente com a expansão universal da Igreja. O Espírito Santo, que é Espírito de amor e de unidade, realiza concretamente a finalidade do sacrifício redentor de Cristo, a reunião dos filhos de Deus outrora dispersos.

3. Podem distinguir-se dois aspectos desta acção unificadora.

Fazendo aderir os homens a Cristo, o Espírito Santo liga-os na unidade de um só corpo, a Igreja, e reconcilia deste modo, numa mesma amizade, pessoas entre si muitíssimo distantes por situações geográficas e culturais. Faz da Igreja um centro perpétuo de reunião e de reconciliação.

Pode dizer-se, além disso, que o Espírito Santo exerce, de certo modo, uma acção reconciliadora também naqueles que permanecem fora da Igreja, inspirando neles o desejo de uma unidade maior de todas as nações e de todos os homens, e estimulando os esforços dirigidos para superar os numerosos conflitos que continuam a dividir o mundo.

É-nos grato concluir pensando que o Espírito Santo realiza esta reconciliação da humanidade com o concurso de Maria, Mãe universal dos homens. Nos inícios da Igreja Ela, unida em oração com os apóstolos e os primeiros discípulos, contribuiu para obter uma abundante efusão dos dons do Espírito. Também hoje Maria continua a colaborar com o divino Espírito para a reunificação dos homens, porque o seu amor de mãe, dirigido a todos e a cada um, reclama a unidade. Oxalá seja agradável ao Espírito Santo secundar este seu profundo anélito, tornando a humanidade cada vez mais disposta a acolher os seus maternos convites à fraternidade e à solidariedade.

Saudações especiais

De coração dirijo uma saudação aos *Jovens*, esperança da Igreja e de uma sociedade nova, fundada na reconciliação dos povos. Reconciliação dos homens com o Pai celeste, reconciliação dos homens entre si, como irmãos de uma mesma família. Daqui a reconciliação entre fé e razão; entre fé e cultura; entre Evangelho e mundo do trabalho. A vós, jovens, como nunca sensíveis aos valores da fraternidade universal, a Igreja dirige, de modo especial neste período jubilar, que é ano de reconciliação, o renovado apelo a preparardes a civilização do amor, na qual não sejamos mais nem vítimas nem marginalizados.

Um afectuoso pensamento também para vós, caros *Doentes*, que esperais uma palavra de encorajamento, que vos sirva de conforto no suportar o peso do sofrimento. Com a vossa presença, salientais o significado e o valor do sofrimento, apreciado com o critério do coração de Deus. Para construir a civilização do amor é necessária, juntamente com o contributo da generosidade das forças jovens, também a alegre oferta do sacrifício e da vossa dor pessoal; por isso, caros doentes, sabeis acolher a Cruz com o mesmo espírito do Salvador dos homens. É a

Cruz que prepara a ressurreição.

A minha cordial saudação dirige-se depois também a vós, *jovens Casais*, que, precisamente neste Ano Santo, tivestes a alegria de unir reciprocamente as vossas existências. Seja a vossa vida uma incessante doação de amor, entre vós, para formardes um só coração, e, juntos, uma só coisa com o Senhor, que é o Deus do amor e da vida. Como imagem de Deus, também vós participais do privilégio de ser fonte de vida e de amor. É a vossa missão. Com a vossa consciente escolha, tendes possibilidade de contribuir, assim, para a renovação do mundo.

Oração à Rainha da Polónia / 59

Senhora de Jasna Góra!

Hoje, desejo recomendar ao Teu Coração Materno, ó Maria Auxiliadora, o saudoso Cardeal Estêvão Wyszyński, Primaz da Polónia, que o Pai celeste há dois anos chamou para a eternidade.

Isto ocorreu a 28 de Maio, na solenidade da Ascensão do Senhor.

Quão eloquente é este dia! Ele diz-nos que a data da morte é também a data do nascimento para a plenitude da vida em Deus.

No dia da Ascensão do Senhor deixou-nos o Primaz do Milénio; o homem a quem foi dado servir o Povo de Deus na terra polaca num período crítico e difícil.

Quanto calorosamente o defunto Primaz Te amou, Senhora de Jasna Góra e Mãe da Igreja!

Quanto amou a Igreja do Teu Filho.

Com que fidelidade amou a Pátria e todos os Polacos.

Oxalá esta herança permaneça em nós.

Que a Igreja e a Nação continuem *fortes com a herança* do Cardeal Estêvão Wyszyński.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana